

OS QUE VOLTAM E OS QUE FICAM: IMAGENS DO RETORNO, NA LITERATURA PORTUGUESA

Farley Eduardo Lamines Pereira
UFMG

Esta comunicação trata de um tema recorrente na literatura universal que é o tema do retorno do marido, que parte em busca de aventuras e riquezas. Ela trabalha também com a perspectiva daqueles que esperam por estes maridos.

Nas obras que serão analisadas procurarei demonstrar como estes dois pontos de vista são diferentes aos olhos da sociedade. Para isso escolhi duas obras que tratam deste tema e que são exemplos clássicos da literatura, que são *Agamenon* e o trecho do retorno de Ulisses na *Odisséia*. Na literatura Portuguesa escolhi as obras *O Auto da Índia* que é uma peça de teatro de Gil Vicente e *Frei Luís de Sousa*, também uma peça de teatro de Almeida Garrett.

Na *Odisséia*, temos o retorno de Ulisses depois de ficar vinte anos longe de sua casa. Nesta obra percebemos a intenção de mostrar os valores morais não só de Ulisses mas também os valores morais de sua família. Penélope, sua esposa, é o exemplo clássico da mulher que espera pelo marido. A história de Penélope marca a literatura de tal forma que em outras obras que tratam do mesmo tema sempre podemos analisar a postura de quem espera com a postura de Penélope. Como é sabido, na *Odisséia*, a postura adotada por Penélope é a da mulher fiel que espera pelo marido o tempo que for necessário. Ulisses passa vinte anos longe de sua casa, mas mesmo assim Penélope aguarda por ele. Devemos lembrar que apesar de ser uma obra de ficção, à época de Ulisses, vinte anos seriam mais do que suficientes para acreditarmos que uma pessoa desaparecida durante tanto tempo estivesse morta. Fica aqui evidente que a postura adotada por Penélope serve como exemplo para todas as mulheres. As mulheres devem esperar por seus maridos por toda vida, devem ser fiéis e acreditar que um dia eles voltarão, desta forma fica

satisfeita a vontade de uma sociedade machista. Ulisses por sua vez representa a perspectiva de quem parte, ou seja o homem que parte em busca de riquezas ou aventuras. Esta postura, exclusiva dos homens, era sempre vista com bons olhos pela sociedade, uma vez que a sociedade machista, na qual vivia Ulisses, promovia esta visão de que o homem parte para o bem de todos.

Assim percebemos que na *Odisséia*, os valores morais são mostrados de forma a servirem de exemplo para toda uma sociedade. Percebemos isto no trecho do retorno de Ulisses, pois ele não foi reconhecido por Penélope, desta forma se ela desejasse poderia ter-lhe negado abrigo ou poderia ter aceito um dos pretendentes anos antes se assim o quisesse, mas não, ela esperou por ele todos os vinte anos. O problema do reconhecimento de Ulisses é resolvido pela cicatriz, reconhecimento este feito por sua ama Euricléia. A antiga ama neste caso mostra-se uma pessoa na qual o leitor pode confiar, uma vez que ela foi responsável pela criação de Ulisses. A cicatriz funciona assim como uma marca de que aquele estranho era realmente Ulisses, pois vinte anos longe são suficientes para que qualquer um se fizesse passar por Ulisses, por exemplo. Nesta obra vemos ao final que tudo se resolve da melhor maneira, pois moralmente falando, ou ainda, de acordo com a moral instituída pela sociedade, Ulisses e Penélope atuaram e tomaram decisões certas, decisões estas que estavam dentro daquilo que era moralmente certo para sua época. Assim sendo não foram “castigados”. Na *Odisséia*, percebemos que a história serve como uma lição de moral, que mostra aquilo que deve ser feito, aquilo que é certo e que está representado nas figuras de Ulisses e Penélope. Em contraposição à *Odisséia*, temos a história de *Agamenon*, que também pode ser analisada como uma lição de moral, todavia a história ensina aquilo que é correto ou certo, tomando uma perspectiva diferente da *Odisséia*.

Em *Agamenon* a história já é diferente. Também aqui temos uma história de fundo moral mas a visão é outra. Agamenon partiu para a guerra de Tróia, sua mulher Clitemnestra ficou em Argos a sua espera. Dez anos se passaram até o dia em que ele retornou. Podemos contrapor aqui

os seguintes pares Ulisses e Penélope, Agamenon e Clitemnestra. Na *Odisséia*, Ulisses e Penélope são sempre descritos com adjetivos que ressaltam suas personalidades, por exemplo: “divino Ulisses” ou “prudente Penélope”. Já em *Agamenon* percebemos logo no início uma diferença entre Penélope e Clitemnestra. O vigia do palácio dos Átridas assim descreve Clitemnestra: “...mulher, de máscula vontade...” Ele também lamenta sobre a situação do palácio: “então choro, deplorando a triste sorte desta casa que já não é, como dantes, excelentemente governada.” (página 14). Diferentemente de Penélope, como perceberemos ao longo da obra, Clitemnestra possui uma “máscula vontade”, este já é um indício de que se trata de uma mulher forte cuja vontade independe da vontade dos homens, ela se mostra como uma mulher não submissa aos desejos dos homens, em especial aos desejos de seu esposo Agamenon. Ela se mostra forte e inteligente em vários momentos da obra, como quando diz a Corifeu: “Troças de mim como se eu fosse uma criança.” (página 20). E ele mais tarde lhe diz: “Senhora, falas com a sensatez de um homem sábio.” (página 22). Em se tratando de obras com fundo moral nas quais a posição da mulher deve ser a de submissão ao homem, percebemos que em *Agamenon* a posição de Clitemnestra pode desde o início ser questionada. Em muitos trechos desta obra, Clitemnestra fala sobre a posição da mulher que espera pelo marido: “E que, ao chegar, ele descubra que, na sua casa, se encontra uma esposa fiel, exatamente como a deixou, cão de guarda da casa, leal a ele e inimiga dos que lhe desejam mal; impecável em tudo, ela não quebrou um só selo na longa passagem do tempo. De prazeres adúlteros ou sequer má reputação sei tanto como de temperar o bronze.” (página 29). Penso que nesta fala, a personagem não faz propriamente uma crítica à submissão feminina, pelo contrário, esta fala atua como modo de persuasão para atrair Agamenon para a morte.

Agamenon não suspeita de sua esposa que trama seu assassinato. Sua morte ocorre para que dois crimes possam ser vingados: a morte dos filhos de Tiestes, pai de Egisto, e a morte de

Ifigênia, filha de Clitemnestra. E é aqui que podemos contrapor os pares acima citados. Agamenon é diferente de Ulisses pois agiu de forma errada ao sacrificar sua própria filha, sacrifício feito para que os ventos fossem abençoados. Clitemnestra é diferente de Penélope uma vez que não foi submissa à vontade de seu marido. Nesta obra a perspectiva de quem parte é a mesma da *Odisséia*, Agamenon parte para guerrear, ou seja sua partida é justificada perante a sociedade, apesar de que será morto pelos crimes que ele e seus antepassados cometeram. Por outro lado a perspectiva de quem fica é diferente, pois o casal de amantes planeja o assassinato, e anseia pela volta de Agamenon para que ele possa pagar, porém o crime de Clitemnestra e Egisto não ficará impune, uma vez que, como sabemos, Orestes, posteriormente vingará a morte de seu pai.

Percebemos assim que em ambas as obras, a perspectiva de quem fica é vital, pois quem fica detém de certa forma um poder de decisão capaz de influir na volta daqueles que partiram. Quem fica vive na certeza, uma vez que a vida de quem fica não sofre mudanças radicais. Já quem parte, parte para o desconhecido, agindo sempre com a idéia de que quando voltar vai encontrar um lugar seguro. Podemos afirmar assim que o tema da partida e do retorno se divide em duas perspectivas, a perspectiva das mulheres que ficam e a dos homens que partem. Os homens que partem sonham em voltar para seus lares e desejam que estes estejam da mesma forma na qual estavam quando partiram. Já as mulheres esperam que seus maridos voltem com vida. A perspectiva dos homens torna-se verdadeira uma vez que partem para o desconhecido. Todavia a perspectiva das mulheres pode ou não ser a da espera fiel como mostra a *Odisséia*. Se analisarmos o fato de que as sociedades das obras analisadas são sociedades controladas por homens, poderíamos dizer que há uma ruptura deste poder masculino quando as mulheres agem de forma não esperada, como Clitemnestra. Assim vemos que o poder das mulheres pode, neste caso, estar acima do controle dos homens, isto se reflete nas posturas das duas obras acima

trabalhadas. A *Odisséia*, tenta ensinar que as mulheres devem esperar por seus maridos, e *Agamenon*, nos mostra que é errado agir como Clitemnestra agiu. A postura feminina torna-se importante e vital, uma vez que as mulheres podem atuar de forma decisiva nos destinos dos seus maridos. Este tema não foi desenvolvido apenas pela antiguidade clássica. Ele foi trabalhado em outras culturas, como a portuguesa.

O tema do retorno na literatura portuguesa é tratado de forma especial, uma vez que Portugal foi uma nação marcada em sua história por este problema. Em primeiro lugar por ter sido uma nação que se construiu e viveu seu apogeu às custas do período de expansões marítimas. Segundo, seu rei D. Sebastião desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir. Em determinado período da história de Portugal, o país viveu e teve seu apogeu econômico às custas das grandes navegações, das grandes expedições marítimas que fazia às outras nações. Este apogeu econômico começou a decair quando seu rei D. Sebastião desapareceu em uma batalha na África.

Na época na qual Portugal foi uma nação rica e poderosa na Europa, muitas obras literárias foram escritas sobre este assunto. Muitas delas tratavam dos problemas políticos, econômicos e sociais do país. Por exemplo a peça *O Auto da Índia*. Nesta obra de Gil Vicente, percebemos mais uma vez elementos presentes na *Odisséia* e em *Agamenon*. Aqui há também a perspectiva de quem fica e a de quem parte. Neste caso também a perspectiva de quem parte é vista pela sociedade como uma coisa boa, algo que é digno e que servirá para o bem comum. Aqui o Marido parte para as Índias e demora três anos para voltar. A Ama, esposa do Marido, não deseja que ele volte, pois ela tem amantes e quer passar seu tempo com eles. Esta obra também tem um fundo moral uma vez que Gil Vicente trata seus personagens como tipos que caracterizariam toda a sociedade, por exemplo temos O Marido, que representa todos os maridos que partem, A Ama, que representa as mulheres que ficam ou ainda O Castelhana e O Lemos,

que representariam todos os homens aproveitadores que não partem mas ficam e aproveitam das posses dos que partiram. Nesta obra vemos que Gil Vicente procura criticar a própria política do reino na época, que estaria sendo roubado pelos “Lemos” e pelos “Castelhanos”, e ainda que quem fica são as “Amas” que dão tudo de graça aos amantes. A personagem da “Moça” atua como a própria voz do autor dentro da peça uma vez que esta personagem sempre esta do lado daquilo que é moralmente certo, alertando a todo momento a “Ama”:

“MOÇA: *Jesu! Como é reboião!*

Daí, daí ó demo o ladrão

AMA: *Muito bem me parece ele.*

MOÇA: *Não vos fieis vós naquele*

Porque aquilo é refiãõ.” (página 37).

Mais uma vez percebemos a importância de quem fica, pois a Ama ficou em casa, ela é de certa forma responsável pelos bens do marido, ela pode, se quiser, dar tudo que tem aos amantes. Se compararmos esta peça com a *Odisséia* e com *Agamenon*, e analisarmos a postura adotada pelas principais personagens femininas, a Ama, Penélope e Clitemnestra, notaremos que Penélope é o ideal feminino desejado por uma sociedade machista, Clitemnestra é por sua vez tudo aquilo que uma mulher não deve ser dentro da sociedade, pois ela trai e mata seu marido, já a Ama, fica numa situação intermediária uma vez que ela deseja que seu marido morra na viagem, mas como ele não morre ela o aceita de volta, contanto que ele volte carregado de riquezas:

“AMA: *Agora me quero eu rir*
disso que me vós dizeis.
Pois que vós vivo viestes
Que quero eu de mais riqueza?
Louvada seja a grandeza
De vós, senhor, que o trouxestes.
A nau vem bem carregada?” (página 53).

Em *O Auto da Índia*, percebemos elementos presentes nas outras obras citadas, todavia notamos que temas como política e economia permeiam a obra. Como foi dito acima, Portugal teve sua história marcada duas vezes com o tema do retorno e da espera. Depois de viver um período de apogeu em sua economia, o país entra em decadência, que se agrava quando o jovem rei D. Sebastião desaparece em uma batalha na África. Quando o rei desaparece ele deixa Portugal sem herdeiros legítimos, assim o parente mais próximo que poderia ocupar o trono é o rei de Espanha. Portugal passa a ser dominada pela Espanha, e o sentimento que nasce neste momento cria a lenda de que um dia D. Sebastião voltaria e salvaria o país, fazendo assim com que Portugal voltasse a ser uma grande nação. O tema do retorno daqueles que partem em busca de riquezas e aventuras passa a ganhar mais força dentro da literatura portuguesa. Muitos foram os romances, poemas e peças escritas sobre este assunto, dentre estas obras está *Frei Luís de Sousa*, de Garrett. Esta obra trata do tema do retorno de uma forma trágica, pois uma família é destruída por um crime cometido involuntariamente, por personagens cujas características indicam que jamais o fariam conscientemente.

Em *Frei Luís de Sousa*, temos a história do retorno de D. João de Portugal. D. João era casado com Dona Madalena de Vilhena, era um cavaleiro e desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir, a mesma batalha na qual desapareceu D. Sebastião. Por alguns anos Dona Madalena esperou por seu esposo, porém diferentemente de Penélope, não esperou o bastante e se casou com D. Manuel. Eles foram felizes e formavam uma família de pessoas boas cuja moral e virtudes não podiam ser contestadas por ninguém. Um dia, porém sua felicidade acabou quando um romeiro apareceu dizendo ter notícias de D. João. Logo depois Telmo o antigo escudeiro de D. João reconhece que o romeiro é na verdade seu antigo mestre, mas o mal já está feito e a união do casal se torna impossível, pois com D. João vivo o casamento do casal se transforma em adultério. O final é trágico, a filha do casal, Maria, morre na frente dos pais, e estes se ordenam na igreja, a única saída possível para salvarem-se do crime. Se compararmos esta obra com as outras acima citadas, perceberemos algumas semelhanças entre elas. Entre todas as obras percebemos que a moral que rege a sociedade, em todas as épocas das obras citadas, é uma moral machista nas quais a posição da mulher deve ser a da espera e da fidelidade representadas na figura de Penélope. Nota-se que as outras mulheres sofrem algum dano de alguma forma, a Anna é enganada pelos amantes, Clitemnestra será morta pelo filho, além do que sua posição é contestada por Corifeu e pelos anciãos, e por último Dona Madalena é punida pelo crime de adultério que cometeu ao casar-se com D. Manuel. Outra semelhança é a de que os maridos sempre estão certos, ora dentro de uma sociedade governada por homens isto é perfeitamente explicável, Ulisses é o ideal, sempre perfeito, Agamenon parte para guerrear, ou seja sua partida é nesse aspecto moralmente justificada, o Marido também tem sua partida justificada, ele parte para trazer riquezas, e D. João parte para guerrear ao lado de seu rei. Exceto a *Odisséia*, que é o exemplo a ser seguido, que serve como modelo para as outras obras, em todas as outras obras citadas, percebemos que sempre há a voz da razão, uma voz que indica ao leitor aquilo que é

certo, ou moralmente certo, em *Agamenon*, esta voz é representada ora pelo côro, ora por Corifeu, ora por Cassandra. Em *O Auto da Índia*, a voz é a da Moça, que mostra a verdade ao público. Em *Frei Luís de Sousa*, porém esta voz está fortemente representada na figura da jovem Maria. Em inúmeras passagens Maria mostra-se como uma personagem que vai além da moral de sua época, principalmente ao final da peça, quando ela vê que seus pais terão que pagar por um crime que não cometeram. Suas últimas falas representam uma crítica contra os costumes da época: “Que Deus é êsse que está nesse altar, e quer roubar o pai e a mãe a sua filha?” (página 137).

Porém tudo se mostra inútil, Maria morre e seus pais se convertem.

Percebemos assim que na *Odisséia* e em *Agamenon*, obras que serviram como modelos literários para outras obras, notamos que o tema do retorno e da espera é trabalhado como uma lição de moral que visa educar a sociedade, na primeira obra aqueles que esperam são recompensados, uma vez que esta é a postura desejada pela sociedade, e na segunda obra vemos que aqueles que agem contra os princípios desta mesma sociedade são punidos. Ambas as obras influenciaram a literatura universal, e no caso das obras da literatura portuguesa aqui trabalhadas, *O Auto da Índia* e *Frei Luís de Sousa*, percebemos que o tema funciona como uma crítica direta à sociedade portuguesa. No primeiro caso a crítica diz respeito à política do reino português, Gil Vicente á época, vivenciava diretamente estes problemas, já na segunda obra, Garrett faz uma crítica à sociedade de sua época, o Portugal do século XIX, visando atacar a moral e a política de seu país através de sua ficção sobre a história de Frei Luís de Sousa.

Bibliografia:

ÉSQUILO. *Orestia: Agamêmnon, Coeфорas, Eumenides*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991

GARRETT, Almeida. *Frei Luis de Sousa*. Lisboa: Europa- América, s.d.

HOMERO. *Odisséia*. Lisboa: Europa-América, s.d.

VICENTE, Gil. *Sátiras Sociais*. Lisboa: Europa-América, 1975.

FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História do teatro português*. Lisboa: Portugália, 1969

SARAIVA, Antônio José. *Para a História da Cultura em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.